

A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NA ESCOLA

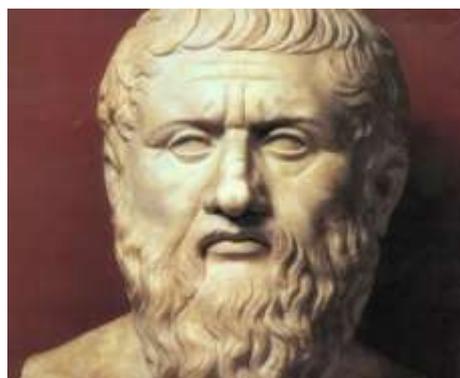


Recentes pesquisas interdisciplinares (nos campos da neurociência, da psicologia e da pedagogia musical), têm constatado que, tão evidente quanto conscientemente, a música e a prática da música, o mais cedo possível e em todos os níveis, jamais foram tão necessárias quanto nos dias de hoje.



O tratado de Platão sobre a pedagogia musical encontra-se precisamente em dois dos escritos dedicados à política: em sua *Politeia* [A República] e em suas *Nomoi* [Leis]. De acordo com ele, *"o ritmo e a harmonia penetram profundamente nos recessos da alma e lá se estabelecem, fazem surgir à graça do corpo e da mente que só pode ser encontrada em alguém educado da forma correta"*

Quer no pensamento filosófico do idealismo, do pessimismo, quer do niilismo — à música e a seu efeito sempre coube, eufórica e unissonamente, uma posição especial, promotora de educação, enobrecedora do ser humano e suavizadora da existência.



No que diz respeito ao campo da música, os responsáveis começaram a compreender lenta e recentemente que o envolvimento com a música, possivelmente desde a mais tenra infância, tem comprovados efeitos positivos no desenvolvimento das crianças e jovens.

Então, por que precisamos de música?

As tentativas de fundamentação são tão multiformes quanto variadas. Veremos algumas a seguir.

Começemos pela *fundamentação antropológica* básica. Trata-se do ser humano em relação à música: praticar a música e experimentar a música são maneiras e modos especiais de encontrar-se no "mundo" e aí orientar-se, ou seja: a música é meio e elemento constitutivo da autorrealização humana, uma sensibilidade fundamental do ser-no-mundo humano situado e em vias de situar-se, expressão da "*maneira de posicionar-se do ser humano*" (*Helmut Plessner*), com possível harmonia entre o mundo interior e o exterior.

Isso vale de modo especial para as culturas juvenis, nas quais a música tem um importante valor simbólico, torna-se forma de comunicação não-verbal, na qual o jovem pode articular-se o mais duradouramente possível. A música faz vibrar completamente a "pessoa"; é nossa oportunidade de personalização humana, de um "eu definido". Por conseguinte, a música é mais do que um luxo ou adorno. E a música é precisamente mais do que "cobertura de bolo" no dia-a-dia; ela é elixir vital indispensável.



Mas a música pode ser também fundamentada do ponto de vista *pedagógico-cultural*. O ser humano é, "*por natureza, um ser cultural*" (Arnold Gehlen). Ele é "*criador e criatura da cultura*" (Michael Landmann). Com isso se quer indicar, de um lado, a energia do ser humano musicalmente atuante e, de outro, o compreensível produto, no sentido da cultura objetiva de um mundo do trabalho musical. Não há, nem na história nem no presente, uma cultura sem música.

Quando perguntamos: "*Para que o ser humano precisa e utiliza a música?*", resulta então das respostas também uma tarefa pedagógico-cultural da escola. Com a educação musical, fazemos das crianças — mesmo que até agora limitada e elementarmente — "*criadores de cultura*". Aí estão incluídos também as diversos crianças que, de forma extracurricular, participam da prática amadora da música, as quais, com isso, contradizem a variante cartesiana *consumo, ergo sum* ["consumo, logo existo"] e, talvez, encontram um *canto, id est, creo, ergo sum* ["canto, ou seja, crio, logo existo"].



A música pode ser também fundamentada *ontologicamente*. Esse princípio visa ao aspecto do ser singular da música, em sua "musicalidade" e, portanto, em sua posição idiomáticamente especializada. A música é — o que naturalmente toda arte reivindicará para si — simplesmente diferente de qualquer outra manifestação cultural, o que nos deve levar à imortal pergunta: *Quisit musica?* ["O que é a música?"]. O que se esconde aí, por trás dessa música tão extraordinária e aparentemente singular?

↳ A música é não apenas irrenunciável, mas também insubstituível! A música, como arte que não se expressa por palavras, nem por ideias, tem "algo a dizer" a cada um. Ou, como o diz, de maneira tão adequada, o conhecido aforismo de Victor Hugo:

"A música expressa o que não pode ser dito e o que é impossível silenciar".

Chegamos às fundamentações *teórico-didáticas e político-educacionais*. Historicamente, viu-se a "escola" decair sempre mais para a condição de instituição de ensino (escola didática), com unilateral sobrepeso cognitivo.

Etimologicamente, o termo grego *scholae* significa "parada, descanso, lazer erudito".



Se a escola se deixa fundamentar a partir de sua *utilidade futura* e de sua *realização presente*, a arte faz decisivamente parte da escola então, mesmo porque a música tem um significado incomparavelmente alto no cotidiano e no mundo vital de crianças e de adolescentes; nenhuma outra disciplina pode equiparar-se a ela. Todos os estudos empíricos atestam que, para 90% até 95% das crianças e jovens, ouvir música é o mais importante dos passatempos.

Aquilo que, além da escola, é tão importante e valioso não deveria ser ignorado pela escola e pela política cultural. E a razão para isso é evidente: as funções psíquico-evolutivas e psíquico-sociais, bem como socioterapêuticas da música é que constituem sua importância para a vida cotidiana. O *rock*, por exemplo, é um meio de comunicação no cenário, de orientação e de autodefinição, no sentido da aquisição da identidade pessoal e social.



Outras funções importantes da música são: solidariedade, evasão, separação, delimitação.

A nova geração de jovens músicos talentosos menciona ainda as funções:

- ♪ Psíquico-emocional (palavras indicativas: situação de bem-estar, recolhimento, meditação, ab-reação, sonho);
- ♪ Da autorrealização (espaço livre para a individualidade e para a experiência pessoal);
- ♪ Formadora da personalidade (sentido e qualidade da vida, harmonia interior);
- ♪ Sociocomunicativa (proporcionar música a outras pessoas);
- ♪ Estética (a música como composição com aspiração a discurso espiritual).

Existe também uma fundamentação *pedagógico-social* para a música. Para nós, a música é, sem dúvida, a mais social das artes. A familiaridade com a música "abre" as pessoas aos seus semelhantes, o que evidentemente não pode valer, sem verificação, para todo regente de orquestra. Visto que a música, como meio de contato, pode ter efeitos socializadores e ético-sociais, a obrigatoriedade social da escola educativa, em geral, inclui sua obrigatoriedade artística.

“Todo ser humano deveria ter a possibilidade de familiarizar-se com a música, tal como consigo mesmo e com sua língua [...]. Nas escolas fundamentais, ela deveria ser disciplina principal e ensinada por professores especialmente aptos e instruídos”.

Hans Werner Henze

Existe também a fundamentação *terapêutica e teórico-motivadora* da música. Por toda parte se conhece o "poder de ação da música em nossa psique". Os povos primitivos apreciavam seu poder de encantamento e de cura. Hoje, conhecemos seu emprego sanativo e compensador na musicoterapia. Ela é um método de tratamento especificamente diagnóstico. A música é empregada receptiva e ativamente a fim de se obterem efeitos terapêuticos para doenças psíquicas na psicoterapia (por exemplo, obsessões, depressão etc.), na psicanálise (neuroses, psicoses etc.), na psicossomática, na neurologia, na terapia da dor e em diversos outros campos da medicina (por exemplo, na prática odontológica). Em cirurgias, por exemplo, sedativos e anestésias podem ser fortemente reduzidos ou até mesmo substituídos pela música. Por quê? Porque a música estimula emocionalmente, equilibra as tensões, favorece os contatos e a capacidade de experiência.



Nossas escolas deveriam também aproveitar tais efeitos, não somente no âmbito pedagógico-terapêutico. Isto é, a oportunidade para a "alegria pela música" como para uma alegria pela vida, para um excitante contato com a prática ativa da música e do canto como apoio para a vida, para o prazer de ouvir a sonoridade e o som como ampliada experiência estética, quer na música clássica, quer no *rock*. Importa-me — seguindo *Friedrich Klausmeier* — a vontade de expressar-se musicalmente à vontade. E não há o que questionar: "a música soa" em cada criança, quer ela saiba, quer queira, quer não. Devemos apenas dar espaço!

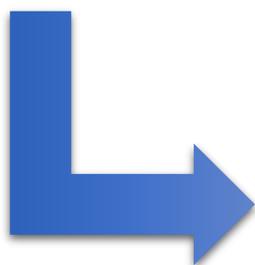
Especialmente o cantar, como atividade musical primária, como brinquedo "instrumental" de cada ser humano desde o nascimento, oferece diversas funções psíquicas, como pôde demonstrar *Karl Adamek* em seu estudo "*O cantar como auxílio para a vida*" (1997). Ele faz o balanço de três campos de função:

- I. O controle de situações de sentimentos negativos através do canto;
- II. A energização e domínio de situações de sentimentos positivos mediante o canto;
- III. O cantar como forma de autorreflexão.

↳ Qualquer cantor no banheiro, na torcida do estádio ou, melhor ainda, no coral pode experimentar todas as funções citadas acima em si mesmo.



Há, finalmente, uma fundamentação *emanante-musical* (extramusical) para a música. Aqui se trata do chamado efeito de transferência da prática da música para a personalidade da pessoa. Sabemos que, nas escolas fundamentais com traços musicais acentuados, a música, a prática da música e a educação musical podem estimular, em um mesmo processo de aprendizagem, as capacidades:



- ✚ Cognitivas;
- ✚ Criativas;
- ✚ Estéticas;
- ✚ Sociais;
- ✚ Emocionais;
- ✚ Psicomotora.

Já a esta altura, mencionem-se antecipadamente dois fenômenos: o desenvolvimento da inteligência e a competência social, que cresce em conexão com a música. No início da escola, ou seja, já em uma primeira faixa etária, constatamos um crescente e uniforme nexos entre inteligência e talento musical. Com talentos musicais mais elevados, sobe também o QI.

Nos EUA, resultados de estudos empíricos sugerem a conclusão de que o bom resultado em um teste de aptidão musical oferece melhores prognósticos de sucesso no estudo entre estudantes de medicina do que a média das notas no exame final do ensino secundário. Isso deveria dar o que pensar a todos os políticos responsáveis pela educação e pela cultura.

Ainda que não considerássemos as consequências para a educação, se estimularmos a musicalidade de nossas crianças, daremos também uma contribuição a seu desenvolvimento cognitivo geral então, sem querer oferecer a música por essa razão, nem tampouco "somente" por ela. Trata-se de um efeito colateral, um efeito secundário — sem que precisemos consultar médico ou farmacêutico. Obviamente, em primeiro lugar permanece a educação para a alegria na música.



De forma completamente inesperada, em relação ao efeito da música e da prática da música, existem argumentos também da pesquisa da nova neurociência, que nos fornece, por assim dizer, *provas neurobiológicas e neurofisiológicas*. Ouvir e praticar música — segundo os inequívocos resultados ali obtidos — desenvolvem o nexos e a atividade entre ambos os hemisférios cerebrais, conduzem a um gigantesco "entrelaçamento neurônico" ou a uma representação musical espiritual, que se reflete em transformações dos modelos de ativação do córtex cerebral.

Hoje, sabemos que — à diferença dos simplificados conceitos da neurociência da década de 1980 — a elaboração da melodia acontece mais no hemisfério direito, ao passo que a elaboração do ritmo se dá no hemisfério esquerdo do cérebro; que a música, portanto, aciona constantemente ambos os hemisférios cerebrais, o que deve conduzir a um maior equilíbrio de ambos os hemisférios.



A maioria das pessoas, para determinadas atividades, ativa mais fortemente um dos dois hemisférios cerebrais. Os resultados da pesquisa junto a músicos sugerem que estes não se deixam incluir em tal sistema alternativo, mas dispõem de uma ligação melhor entre as duas metades do cérebro e que isso é consequência de atividades musicais praticadas durante anos.

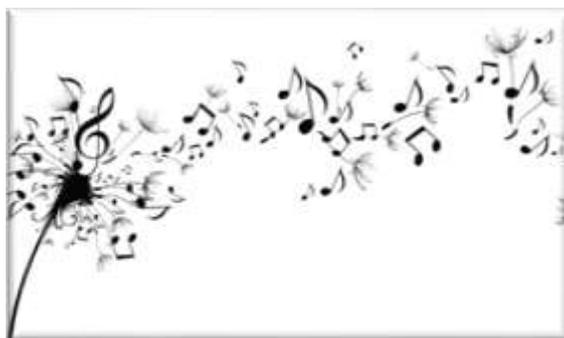
Segundo os neurologistas *Altenmüller* e *Gruhn*:

“A aquisição de representações musicais [...] [deve] ser iniciada com padrões corporais adquiridos mediante o movimento, o canto e o toque, antes de poder chegar a significativas denominações nocionais, transmissão (notação) simbólica e explicação teórica. A música só pode ser aprendida musicalmente, e não por meio de noções e regras”.

Chegamos à fundamentação músico-imanente da música. A educação musical, em todas as possíveis verificações de transferência, existe para, em indiscutível e primeiríssima linha, oferecer às crianças a oportunidade de experimentar a música emocionalmente, com todos os sentidos e com alegria e, dadas as possibilidades, de se exercitarem no canto, na dança, na execução de um instrumento musical, em (grupos de) improvisação, na criação de trilhas sonoras, na encenação, na meditação, nos jogos interativos e comunicativos e em muitos outros campos técnicos de experiência e de aprendizagem a fim de, com isso, desenvolver suas predisposições e capacidades musicais.

- 🎧 A educação musical serve também para o futuro desenvolvimento da capacidade de percepção (musical), contra o imperialismo da imagem, da música e do barulho de nossos dias, narcotizante e arruinador dos sentidos, pois a música é, como se sabe, a única disciplina auditiva nas escolas.
- 🎧 Trata-se também do desenvolvimento da capacidade de expressão musical como uma partilha de sensações e emoções, como uma oportunidade para a comunicação músico-social contra a tendência do crescente individualismo, para o desenvolvimento da capacidade de composição musical, para uma compreensão de mundo e de si mesmo, com o auxílio de uma introdução à cultura musical.

A música é, primariamente, um espaço livre e um campo experimental para a fantasia estético-musical e sociomusical. O primeiro desafio que resta é elaborar uma aula de música que esteja em sintonia com a comprovada alegria pela música e que coligue a exigência da arte com a orientação da cultura musical, tanto tradicional quanto moderna.



A música, como "subjetividade cultural" idiomática (análogo ao termo jurídico da "subjetividade de direito"), é *individual*, ou seja, *inseparável* das outras disciplinas.

"A cultura musical, como formação da existência pessoal e como comportamento cultural significativamente situado, é um direito civil democrático" (Heinz Antholz).

Por conseguinte, enfrentemos ofensivamente os desafios do futuro próximo e lutemos aberta e conscientemente em favor da música como um irrenunciável "capital espiritual-criativo-emocional e social".

A prática da música é, indubitavelmente, um caminho régio para aquela educação que tem como objetivo uma personalidade amplamente formada e, conseqüentemente, com senso crítico. Ela pode se tornar um estímulo a que os outros despertem da passividade comercial, descubram seus próprios talentos, adquiram gosto pelo individual e, através da música, cheguem ao belo resultado: "Eu sei algo, eu sou algo!". A música sempre esteve e está ligada ao ser humano.

Competência social mediante a educação musical

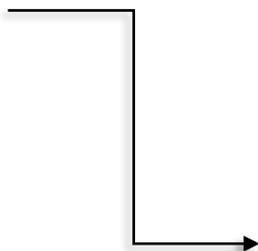
Temos um problema de violência na escola e na sociedade — ninguém pode duvidar disso. Tal constatação, porém, não é nova; já existia, com outras características, em todos os tempos mais antigos. Acontece que o simples olhar retrospectivo não resolve nossos problemas. Por conseguinte, nós próprios somos chamados a tomar consciência e, antes de mais nada, abrir os olhos.

O que vemos? Perda de valores e desorientação, falta de sentido, negligência, disposição para agressão e violência mútuas — ideias que ora mais, ora menos, são extraídas do debate público em torno da infância e da cultura juvenil.



Por outro lado, a censura às repetições históricas não ajuda mais estrategicamente na solução de tais dificuldades. Tanto mais importante é a boa notícia de uma política educacional e técnico-pedagógica que defende que a música e a prática da música são uma oportunidade social para uma apropriada e efetiva prevenção e intervenção contra o potencial agressivo de nossos filhos.

Detenhamo-nos por um momento na teoria: a capacidade para o comportamento social é parte essencial da formação da personalidade das crianças. Isso significa a capacidade de acolher:



- ✓ as relações entre estudantes e professores,
- ✓ a organização das salas de aula como trabalho comunitário e a assunção de um papel como "escolares" (papel representado),
- ✓ a aceitação de regras e de normas nesse grupo social,
- ✓ a afirmação dos próprios interesses.

Falamos de modo amplo de "competência social" e queremos indicar a disponibilidade e o uso adequado de formas de comportamento motoras, espirituais e emocionais, modos de pensar etc., a fim de poder confrontar-se de maneira bem-sucedida com determinadas situações vitais (por exemplo, aprender em associação de classes).

Ao longo do tempo da escola fundamental, as crianças aprendem a valorizar o outro não apenas como parceiro no dar e no receber, mas também como quem possui visão própria e, muitas das vezes, diferente das coisas. O cientista da educação *Dieter Baacke* fala de comportamento pró-social, que pressupõe determinada capacidade de superar o egoísmo, a fim de não perder de vista a condição dos semelhantes.



“A competência social caracteriza aquele feixe de capacidades necessárias para conviver socialmente com as demais pessoas, a fim de poder compreender e agir de forma adequada e pertinente (mas não estática), para poder participar significativamente em comunidades, para integrar-se na sociedade. As competências sociais fundamentais surgem mediante a socialização, desenvolvem-se, portanto, na convivência familiar, em instituições, com coetâneos e com adultos”.

(Bernhard Koring).

Em camadas menos linguisticamente privilegiadas, são favorecidas formas de comunicação e aptidões comunicativas não-verbais, o que é facilmente observável na cultura musical juvenil: novas formas de convivência são a própria música, depois também a moda, o estilo de vida, gestos, mímica, dança e muitas outras. Portanto, a língua não se torna o transmissor central da comunicação, mas a música mesma se torna instância mediadora indireta.

Infelizmente, ainda continuamos a inclinar-nos a igualar o talento à inteligência acadêmica e a inteligência às boas notas escolares até hoje. Tal estreita perspectiva pedagógica desvia o olhar da variedade dos talentos que existem nas pessoas, por exemplo, também para a "competência social", que se tornou tão importante.



Para o tipo de problemas com os quais a hodierna sociedade "pós-moderna" se confronta, dos quais padece e com os quais se aflige, as aptidões sociais e a inteligência emocional são um recurso francamente decisivo. A ideia de aptidão deve ser urgentemente dissociada do arcabouço unilateral da inteligência acadêmica. Deve ser considerada mais complexa, de um lado, e mais diferenciada, de outro.

Deve-se observar criticamente que, durante muito tempo, no passado, a determinação do QI (quociente de inteligência) acadêmico (no geral, compreendido como "aptidão não específica") e a utilização de aptidões meramente cognitivas já figuravam como pano de fundo. Conseqüentemente, a sobrecarga "cerebral" de nossas crianças na educação e na escola conduzia a uma concentração em aptidões no campo das ciências naturais e matemáticas, com o objetivo prefixado de incrementar a eficiência da escola, com vistas à capacidade de concorrência tecnológica internacional.



A teoria das inteligências múltiplas, de *Howard Gardner*, um psicólogo norte-americano, aponta para uma inteligência intrapessoal (sensibilidade diante do próprio mundo emocional) e para uma inteligência interpessoal (compreensão diante da diferenciada percepção dos outros = "inteligência social").



Daniel Goleman, pedagogo clínico da Universidade de Harvard, amplia a noção para uma variante interessante. Ele fala da *inteligência emocional* (QE) e pressagia o renascimento do sentimento e do caráter. Consoante isso, o prognóstico de sucesso na vida parece positivo para as pessoas se elas, apesar do estresse e da frustração, pensarem positivamente, conciliarem debates acalorados, puderem motivar, não perderem de vista metas de longo prazo; em suma, se as pessoas dispuserem de um alto QE.

Mais do que nunca, ouve-se o apelo de que a escola e a educação, ao lado das metas tradicionais de formação, possam proporcionar, acima de tudo, a competência social a fim de tornar experimentável a vivência emocional. Já há tempos, o cientista da educação *Felix von cube* (fundamentando-se em *M. Csikszentnialy*) quis chamar a atenção para esse fato com sua teoria do "fluir" e convocou a um repensar pedagógico orientado para percepções biológico-comportamentais.

Expectativas esperançosas sempre foram depositadas no efeito social da educação musical e da prática da música. Professores de música defendem de bom grado a opinião de que uma "boa" aula de música - a educação pela e para a música - seria um dos meios mais adequados para aprimorar eficazmente:

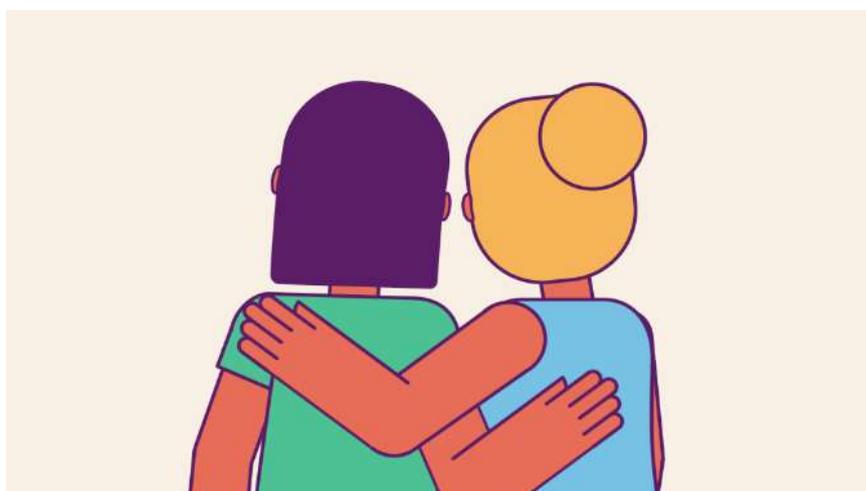
- ❖ a socialização individual dos alunos;
- ❖ o clima social na escola;
- ❖ a chamada capacidade de empatia.

empatia

Ação de se colocar no lugar de outra pessoa, buscando agir ou pensar da forma como ela pensaria ou agiria nas mesmas circunstâncias.

Aptidão para se identificar com o outro, sentindo o que ele sente, desejando o que ele deseja, aprendendo da maneira como ele aprende etc.

aje ebleirge epc'
aje qeseje' vhlacqdeugo qz nllacstok ocupe
... ..



Baseados nos resultados obtidos em pesquisas acerca do efeito da educação musical sobre a competência social, atemo-nos à tese plausível de que a prática da música e a educação musical, em comparação com outras disciplinas e meios, pode incrementar, de maneira especialmente mais afetiva e efetiva, as aptidões sociais das crianças e dos jovens, dado que os resultados individuais, muitas vezes, são apresentados em ligação com uma associação, um grupo musical.



O resultado comum (diferentemente dos grupos esportivos) ocupa um lugar superior em relação ao resultado individual, de modo que **cooperação coordenada, consideração, iniciativa e responsabilidade** pelo que é comum são percebidas como necessárias e úteis.

Compreendamos, de uma vez por todas: uma educação musical expandida é uma garantia segura na profilaxia e metafilaxia da violência e da agressão entre crianças e entre jovens. Resultados de pesquisas de estudos de longo prazo exigem como consequência que a disciplina de música seja plenamente, ou melhor, ainda mais bem representada em número elevado de horas-aula no catálogo das matérias.



Numa atuação expandida, é possível pressupor que, para além das classes nas quais a música é enfatizada particularmente, o comportamento social positivo, numa atividade global e arrojada, pode contribuir para outro tipo de escola, uma escola como espaço vital, como lugar de atmosfera agradável, com mútua valorização e aceitação, também como alternativa para uma família sobrecarregada não raro hoje em dia.

De acordo com observações subjetivas de alguns professores, depois da introdução da ênfase na música nas escolas, o vandalismo escolar reduziu a olhos vistos. Crianças individualistas e problemáticas tendem a se integrar mais facilmente nas classes que praticam a música.

Há pouco tempo, extraiu-se da imprensa inglesa uma constatação do nexó entre música (clássica) e a redução da agressão:



Tocar música clássica nas estações de metrô em Newcastle levou a uma fortíssima redução do vandalismo no transporte público local. Desde que, em vez de música popular, soam sinfonias, a cidade pode alegrar-se por uma redução de 1,4 milhões de marcos em seu balanço de prejuízos anuais.

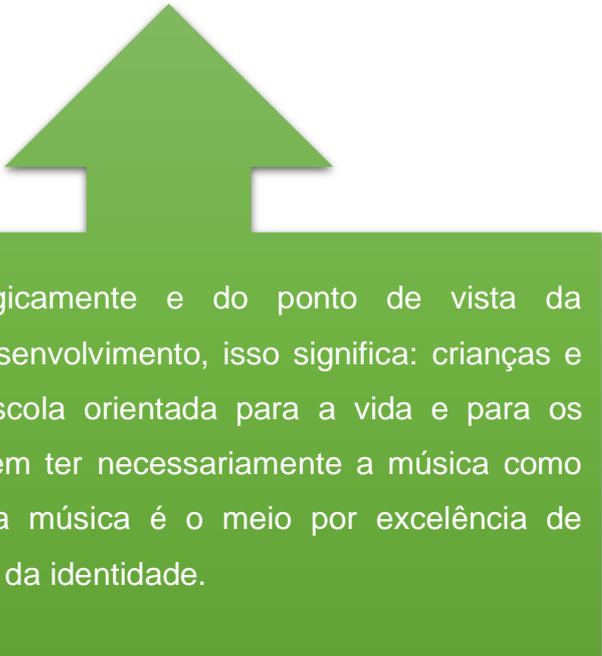
Entre crianças da escola fundamental, no decurso de seu desenvolvimento em geral, chega-se a significantes mudanças na capacidade de refletir, de modo adequado à idade, sobre questões sociais e problemas de nossa sociedade. Crianças que praticam música alcançam uma mais bem-sucedida sociabilidade do que as que não praticam. Elas dispõem francamente de uma vantagem em uma capacidade prática de julgamento, possuem — dito de forma simplificada — bastante "bom senso".

Crianças musicalizadas dispõem daquela inteligência prática que possibilita aprender a partir das experiências e refletir sobre o nexo entre causa e efeito, bem como compreender e avaliar adequadamente situações da vida cotidiana. Obviamente, deve-se levar em consideração que o menos favorecido ambiente social de muitas crianças de escolas fundamentais com ênfase na música pode contribuir para uma crescente sensibilidade para as questões sociais de nossa sociedade.

Crianças com educação musical expandida sentem-se social e emocionalmente mais integradas e, conseqüentemente, mais motivadas também em suas salas de aula do que seus colegas sem tal acesso à música.



A música propicia apoio à criança. Ela oferece, na fase do amadurecimento psíquico-espiritual da juventude, um pequeno refúgio como compensação para os problemas da puberdade. Só pode ser vantajoso quando a música e a prática da música (aqui, as culturas jovens têm, de modo especial, funções essenciais) influenciam e incrementam a estruturação fundamental da personalidade, por exemplo, na busca da identidade.

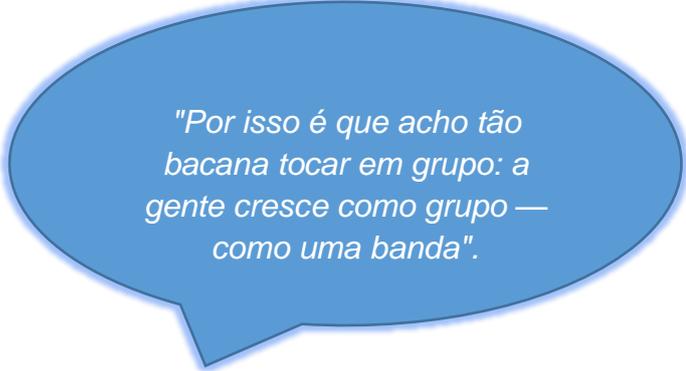


Didático-pedagogicamente e do ponto de vista da psicologia do desenvolvimento, isso significa: crianças e jovens, numa escola orientada para a vida e para os estudantes, devem ter necessariamente a música como disciplina, pois a música é o meio por excelência de desenvolvimento da identidade.

Dados de estudos comprovam que a prática ativa da música (em conjunto ou até mesmo individualmente), com seu potencial capaz de despertar emoções, está apta a mitigar os conflitos da juventude, a melhor controlar os sentimentos de agressividade, de desconfiança e de insegurança, além de aumentar e apoiar o crescente esforço por autonomia. Que justamente a música esteja predestinada a compensar a instabilidade de humor e a dilaceração emocional não carece de nenhum sublinhado. Todos nós precisamos e usamos a música, diariamente, em função quase terapêutica.



Certa vez, um estudante descreveu tão apropriadamente o efeito da prática conjunta da música:



"Por isso é que acho tão bacana tocar em grupo: a gente cresce como grupo — como uma banda".

Para uma sociedade que se caracteriza sempre mais pela existência individual e cuja sensibilidade para a solidariedade diminui, esse é um aspecto importante, vale dizer, existencial.

A competência social inclui um feixe de competências que a música, por excelência, por si mesma pode proporcionar da melhor maneira possível, sem requerer a mediação da linguagem ou dos conceitos abstratos. Referimo-nos à capacidade de lidar com funções e também com o distanciamento dos papéis; aptidão para a identidade social, para a tolerância em relação à frustração, para a originalidade e a criatividade sociais, para a compreensão de si, da submissão e da convivência, para a autorreflexão — todas elas aptidões que, nos "espaços amplos da música", por assim dizer, livres de sanções e livres de repressões, ou seja, sem experimentar angústias nem perdas, são treinadas propedêutica e experimentalmente e, mediante isso, podem também tornar-se amadurecidas para os "reais espaços da vida".

No contexto das funções sociopedagógicas e integrativas da música (e da prática da música), deveríamos tanto autêntica quanto originariamente lembrar-nos dos resultados biológico-comportamentais da música e reorientá-los músico-pedagogicamente. A situação do mundo "ameaçado" exige que os potenciais de agressão, multiplicados "de maneira ecologicamente suportável" no futuro, sejam desmontados no âmbito cultural.



Trata-se de questões de como a música e a prática da música podem contribuir para a satisfação dos impulsos humanos, para a canalização dos potenciais de agressão e de violência, para a diminuição da tensão nervosa, para a mudança das sensações emocionais, "tocando, cantando, dançando, improvisando, encenando", por assim dizer. Não somente a juventude adepta do *rock* e da música popular, mas também os aficionados da música clássica aplicam a música fora da escola em forma de satisfação de impulsos.





A escola tem a obrigação social de democratizar a música e de desmontar qualquer segregação que a música, como privilégio cultural, possa construir.



A influência da educação musical na inteligência das crianças



Quem é inteligente? Como se mede a inteligência humana?

"Inteligência" é um construto teórico, não está acessível à observação direta. Dispomos de diversas teorias e modelos para explicar e descrever essa concepção, que é deduzida de padrões individuais de comportamento.

A maioria das tentativas de definição contém duas características: a inteligência é definida como a capacidade psíquica de adaptação do ser humano a novas tarefas e a novos problemas do ambiente social. Paralelamente, existe a alusão de que a inteligência seria parte integral da personalidade, como por exemplo na definição de *W. Stern*: "*Inteligência é a capacidade pessoal de se adaptar a novos desafios, mediante o uso apropriado dos meios ideativos*".

Os inúmeros modelos anteriores de explicação podem ser subdivididos em dois grupos:

- ✚ As concepções filosófico-fenomenológicas.
- ✚ As psicológico-descritivas.

Nos modelos fenomenológicos, toda a estrutura pessoal recebe atenção especial. A inteligência possui caráter estrutural e hierárquico, e o modelo de inteligência contém quatro funções principais:

- Aptidão para o talento,
- Pensamento abstrato,
- Comportamento mental intuitivo,
- Memória e aprendizado.

Os conceitos descritivos e delineativos baseiam-se em estatísticas de correlação. Os fenômenos intelectuais são múltiplos e interagem entre si. A teoria mais antiga, a chamada dos (dois) fatores, provém de *C. E. Spearman* (1904,1927). Ele diferencia entre um fator ideário geral e uma série de fatores específicos. Enquanto no primeiro caso se presume uma energia mental central (inteligência-núcleo), que participa de todos os atos da inteligência; no segundo caso, respectivamente, apenas formas específicas de resultados são responsáveis.

Consideremos, porém, o problema, mais uma vez, a partir da base. Inteligência não é igual à inteligência (dito laconicamente). Ao contrário: a partir da inteligência, chega-se às inteligências, de acordo com o conceito das "inteligências múltiplas" desenvolvido pelo psicólogo norte-americano *Howard Gardner*, no qual ele distinguiu diferentes formas de inteligência amplamente independentes umas das outras.



A inclusão, tão interessante quão relevante para nossa disciplina, da dimensão da *inteligência musical*, é fundamentada por esse autor com o argumento de que, sob a perspectiva da história da evolução, os processos da criação artística são universalmente — e comparativamente — até mesmo de maior importância do que, por exemplo, a dimensão da inteligência lógico-matemática. Como exemplo, poder-se-ia citar a vida de diversos ganhadores do Prêmio Nobel, os quais, em geral, dispunham de alto talento musical, vale dizer — segundo *Gardner* — de inteligência musical.

As transformações no padrão de inteligência das crianças são significativas ao longo do tempo, o que, de início, prova que a inteligência não é uma grandeza imutável no decurso da vida, tal como traço hereditário da personalidade, cunhado por algum gene, mas que ela, com a idade, pode desenvolver-se mediante o aprendizado ou atrofiar-se por negligência.

A educação musical expandida tem um efeito positivo não casual no desenvolvimento da inteligência das crianças quando é inserida por um longo período.



Estudos demonstram que, no campo da inteligência, crianças dotadas abaixo da média aproveitam, numa espécie de "efeito de longo prazo", uma educação musical expandida — isso seguindo a tendência da diferença em relação a crianças sem ênfase na música. Depois de quatro anos de ênfase na música, chega-se a um ganho no QI de crianças provenientes de escolas com ênfase na música. Sob esse ângulo, presumimos um efeito estimulador e, ao mesmo tempo, compensatório da educação musical sobre o desenvolvimento cognitivo de crianças inicialmente menos providas.

Sob a perspectiva sociopedagógica, o resultado descrito acima não deveria permanecer sem a consequência política de oferecer música nas escolas para todas as crianças — mas com mais razão para aquelas dos meios desfavorecidos. A música encerra a oportunidade para compensar as deficiências cognitivas e emocionais oriundas do ambiente em que vivem e das quais essas crianças não são culpadas.



A longo prazo, a música, a prática da música e a educação musical melhoram sensivelmente os valores da inteligência das crianças. Isso vale tanto para crianças inicialmente com valores de QI abaixo da média quanto para aquelas com valores acima da média. Para ambas as provas de inteligência, a música e a prática da música oferecem bem evidentemente potenciais para incrementar de modo sistemático os resultados cognitivos.

Um estudo alemão avaliou, primeiramente, que crianças com educação musical expandida, na idade entre 8/9 anos e 10/11 anos, mostram igualmente em diversos resultados de testes claras vantagens de amadurecimento, ou seja, ganhos em parte significantes, em comparação com crianças sem ênfase na música. Por conseguinte, foi confirmada a hipótese de que crianças, precisamente na mencionada faixa etária, beneficiam-se da música (da prática da música e da educação musical) de maneira significativa e vantajosamente se desenvolvem no/na:

- ☛ conhecimento geral,
- ☛ interpretação de texto,
- ☛ capacidade de abstração.

Encontramos uma fundamentação didático-psicológica para a relação entre musicalidade e inteligência em diversos princípios teóricos sobre a elucidação da transferência, entre outros, na teoria dos "elementos idênticos",



de *E. L. Thorndikes*, os quais são comuns no aprendizado — na música, de modo particular —, e no desenvolvimento cognitivo em geral: música é composição (nexo), sintaxe e estrutura de aspiração cognitiva, pois a construção da música tem algo de abstrato, lógico, figurativo; ela exige a descoberta de formas e de princípios de formas.

Na prática da música, é preciso ouvir antecipadamente, ouvir em conjunto e ouvir posteriormente. Além do mais, na própria prática da música, forma e estrutura são compreendidas intuitivamente, sem que sejam expressamente refletidas e sem que precisem ser estruturalmente compreendidas. A prática da música exige a sensibilização estética, alcança continuamente uma sinestésica ativação do ver, ouvir, apreender, compreender. E a prática da música estimula intelecto, o tônus muscular e, conseqüentemente, a capacidade psicomotora.

Uma fundamentação compacta para os efeitos da prática da música pode ser formulada da seguinte maneira: tocar um instrumento musical é uma das atividades humanas mais complexas. Até mesmo para as peças mais fáceis, exigem-se capacidades do intelecto (*compreender*), da habilidade motora dos movimentos toscos e refinados (*apreender*), da emoção (*atingir*) e da sensibilidade. A coordenação exata das mãos e dos dedos sobre cordas ou teclas exige uma marcadamente refinada coordenação motora e capacidade de representação espacial.

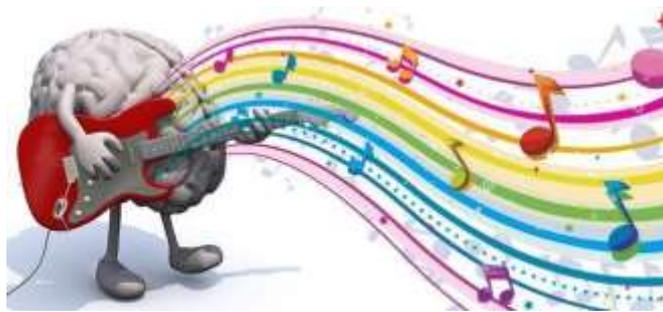


Tocar pela partitura exige o rápido e simultâneo processamento de informações em extrema exatidão e densidade (notas, cadência, tempo, intensidade de som etc.). Exigem-se o pensamento abstrato e o complexo, igualmente na audição prévia e na posterior da música para a cadência exata tocada. Isso significa, mais uma vez, uma atividade sob as extremas condições da simultaneidade do não-simultâneo.



Em nenhuma outra disciplina a criança deve se deparar concomitantemente com tantas decisões e trabalhá-las continuamente por um longo período. Essa combinação de contínua e constante atenção e planejamento prévio, em esforços espirituais, psíquicos e físicos que se modificam continuamente, constitui uma experiência educadora de valor único e, conseqüentemente, irrenunciável.

A prática da música exige e estimula a construção de uma imagem mental de uma composição no cérebro, uma representação cérebro-fisiológica e, para tocar de cor, é necessário que se se tenha uma excelente memória. Aquele que pratica a música utiliza um plano de estrutura da composição que ele, no ato da execução da música, constrói e desintegra constantemente.



O pressuposto para uma música bem-sucedida é simultaneamente treino, coordenação muscular e reações nervosas. Corpos, mãos, braços, dedos, respiração, entre muitos outros, devem estar e funcionar constantemente na mais refinada flexibilidade psicomotora (*timing*), destreza e coordenação mútuas. E na configuração interpretativa, exige-se a intuição construtiva, a fantasia criadora, o que nos anima a outra ideia que nos leva mais adiante.

Um nível mais elevado do que na prática elementar - e mais amadora (não em sentido pejorativo) - da música em escolas formativas, em geral, poderia aplicar uma tentativa de fundamentação para o nexo entre musicalidade e inteligência da seguinte maneira: no ato da produção do som, da interpretação e da audição da música, trata-se constantemente da confluência das intenções sintáticas e emocionais de um compositor, justamente aqueles com espaços criativos de um intérprete ou do processo de compreensão de um receptor.



Somente quando a intenção composicional for percebida adequadamente e for "compreendida" em sentido restrito é que se pode construir a camada fundamental do processo da interpretação musical. A interpretação compreensiva é *conditio sine qua non* da interpretação artística ou da audição adequada; trata-se, evidentemente, do "único" processo de apropriação e realização da música com as correspondentes condições.

Por conseguinte, existe consenso que devemos compreender a música a fim de poder captá-la. Ao mesmo tempo, porém, parece necessário que esse tema possa ser visto em sentido inverso: captamos a música a fim de compreendê-la. Com efeito, a intuição espontânea na execução musical não é menos substancial e exigente do que o discurso no processo de compreensão propriamente dito.

Uma captação sem compreensão permanece tão sem sentido quanto um conceito sem conteúdo semântico. Para Adorno, as obras de arte são enigmas que desejam ser resolvidos; elas esperam por sua interpretação ou por seu querer ser compreendido, embora a arte não deva ou não queira mesmo ser completamente compreendida, pois a arte é também aquilo que não se compreende.

**A arte não tem
limite. A
compreensão
humana sim.**

 PENSADOR

Junior Alves

Música

A música é uma linguagem universal, tendo participado da história da humanidade desde as primeiras civilizações. Na Grécia Clássica, o ensino da música era obrigatório e há indícios de que já havia orquestras naquela época.

Segundo (PENNA, 1990, p. 22) *“existem diversas definições para música. Mas, de modo geral, ela é considerada ciência e arte, na medida em que as relações entre os elementos musicais são relações matemáticas e físicas; a arte manifesta-se pela escolha dos arranjos e combinações”*.



Antes mesmo de nascer, o bebê já é capaz de escutar. A partir do quinto mês de gestação, ele ouve batidas do coração da mãe (além de todos os outros barulhos do organismo) e reconhece a voz dela. E reage a esses estímulos, virando a cabeça, chutando ou mexendo os braços, além de ficar com o coração batendo mais rápido. O bebê nasce, cresce, torna-se adulto e os sons continuam a provocar essas e outras reações mais sofisticadas: eles evocam memórias e pensamentos, comunicam e emocionam-se.

O que é musicalização?

A musicalização é um poderoso instrumento que desenvolve na criança, além da sensibilidade à música, qualidades preciosas como: concentração, a coordenação motora, a sociabilização, a audição, o respeito a si próprio e ao grupo, a destreza do raciocínio, a disciplina pessoal, o equilíbrio emocionais e inúmeros outros atributos que colaboram na formação do indivíduo. O processo de musicalização deve se destinar a todos, buscando desenvolver esquemas de apreensão da linguagem musical.

Durante o processo de aprendizagem, adquire-se uma sensibilidade que é construída num ambiente em que as potencialidades de cada indivíduo (sua capacidade de discriminação auditiva, suas emotividades, etc) são trabalhadas e preparadas de modo a compreender e reagir ao estímulo musical. (PENNA, 1990).

Musicalizar é ainda desenvolver os instrumentos de percepção necessários para que o indivíduo possa ser sensível à música, apreendê-la, recebendo o material sonoro/musical, como significativo. (PENNA, 1990).

A linguagem da música

A linguagem da música parece ter estado sempre presente na vida dos seres humanos e faz parte da educação de crianças e adultos desde há muito (ROSA, 2000). Para uma visão cognitivista, o conhecimento musical se inicia por meio da interação com o ambiente, através de experiências concretas.

Estando presente à música em nossas vidas, podemos então afirmar que a linguagem musical surge espontaneamente à criança por meio do contato com o ambiente sonoro da cultura na qual está imersa.



Segundo Brito (2003), as cantigas de ninar, as canções de roda, as lendas e todo tipo de jogo musical tem grande importância, pois é por meio das interações que se estabelecem os repertórios que permitirão as crianças se comunicarem pelos sons. O RCNEI (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil) afirma que a música é uma das formas importantes de expressão humana, o que por si justifica sua presença no contexto da educação. (BRASIL, 1998, p. 45).

Música no contexto escolar

A inserção da música na educação atual requer que os envolvidos com o processo de ensino e aprendizagem dos futuros cidadãos estejam sempre em constante aprimoramento.

O conteúdo programático, a didática, os recursos devem fazer sentido ao educador, tornando-o sujeito construtor do conhecimento, pois, assim, o aluno situa-se no que é proposto e irá se sentir motivado a um comprometimento para levar respostas aos dilemas do cotidiano.

Resta aos educadores pensarem em formas de integrar, aproveitar e extrapolar as experiências musicais dos alunos, sejam elas vividas dentro ou fora das escolas. Todas estas experiências indicam capacidades, interesses e atitude que a escola inevitavelmente abriga, mesmo que apenas para reconhecer o que faz ou o que pode fazer.



A importância da música no desenvolvimento infantil

É de amplo conhecimento que a vivência musical dentro da escola possibilita o trabalho das emoções, o desenvolvimento da sensibilidade, a percepção auditiva, a sociabilidade, entre tantas outras coisas. Por meio da Educação Musical há a possibilidade de se proporcionar aos educandos a vivência com outros contextos socioculturais. Destaca-se ainda a oportunidade de ampliação da bagagem cultural com o aprendizado de músicas em outras línguas.

A música e o desenvolvimento cognitivo da criança

Estudos apontam que, mesmo se o contato com a música for feito por apreciação, isto é, não tocando um instrumento, mas simplesmente ouvindo com atenção e propriedade (percebendo as nuances, entendendo a forma da composição), os estímulos cerebrais também são bastante intensos.

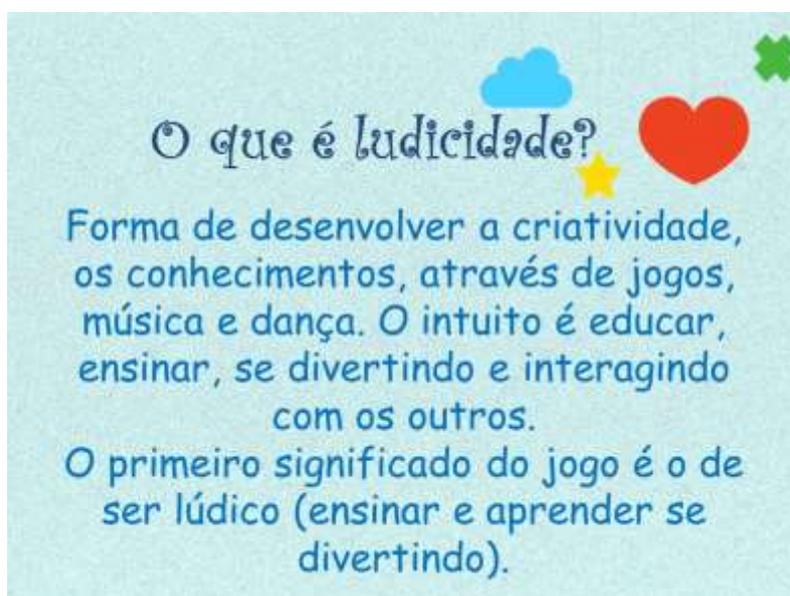
O que se pode concluir é que efetivamente a prática da música, seja pelo aprendizado de um instrumento, seja pela apreciação ativa, potencializa a aprendizagem cognitiva, particularmente no campo do raciocínio lógico, da memória, do espaço e do raciocínio abstrato.



Maneira lúdica de ensinar crianças

A música é também um instrumento para transformar o processo de aprendizado infantil em uma maneira mais lúdica de se conhecer coisas novas. É por isso, por exemplo, que muitos professores gostam de ensinar determinadas matérias com o auxílio de canções adaptadas e aulas mais alternativas, afinal, a música motiva a concentração, a curiosidade e a descontração — que é raramente observada em ambientes escolares.

Por isso, para quem quer encontrar uma maneira diferente de ensinar crianças, a música na escola no processo de aprendizagem pode ser um bom caminho.



A música também é um momento de dança e socialização

Aulas de música também podem ser um excelente momento para socializar, dançar, brincar e descontrair. Esse é um dos grandes benefícios da música na escola no processo de aprendizagem, visto que é um momento na aula em que é possível queimar algumas calorias — dançando e se divertindo —, perder a vergonha e realmente se entregar às canções com seus colegas de classe.

Na grande maioria das vezes, a aula de música é um momento tão importante na descontração do ritmo escolar, que costuma ser uma das horas favoritas dos alunos em sala de aula.



A aula de música pode ser feita com instrumentos ou com a percepção

Engana-se quem pensa que a aula de música só pode ser feita com instrumentos e com um professor que tem o dom de tocá-los ou ler uma partitura. Aula de música também pode ser um momento de reflexão, quando a turma se concentra para escutar uma canção e estudar a partir dela. Existem várias maneiras de colocar a música na rotina do aluno e se beneficiar dessa união.



Desde 2009, a lei nº 11.769 tornou obrigatório o ensino de música no ensino fundamental e médio. A medida tem caráter não exclusivo: música não deve ser necessariamente uma disciplina exclusiva no rol de matérias, mas uma linguagem adotada no ensino conforme as propostas político-pedagógicas de cada colégio.

Ao trabalhar a música em sala de aula, o professor, além de promover a interação do aluno, cumpre um princípio estabelecido pelos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais).

De acordo com os PCN, a música *“é a linguagem que traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio. (...) A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo à linguagem musical” (...).*

- ☰ No texto referente à área de música dos PCNs-Artes, há visíveis progressos em relação à visão do que seja música e de como pensar a prática pedagógica em música, se comparados com a visão tradicional.
- ☰ Entre os principais pontos positivos constantes nos PCN-Arte/Música, está a aceitação da pluralidade musical, sugerindo a utilização da música de forma indiscriminada, a contextualização das aulas de música com a realidade da escola, incentivando músicas e produtos culturais da cultura local e músicas do cotidiano.

Motivos para ensinar música nas escolas

Música ensina de forma lúdica e divertida, aumentando o desempenho do aluno

Para momentos de dificuldades em sala de aula, a música pode atuar como elemento auxiliador e potencializador do ensino. A composição de melodias sobre a temática, utilização de determinada canção relacionada ao assunto ou adoção de estratégias similares contribuem para descontrair o ambiente e quebrar a tensão em classe.



Unindo o lúdico ao processo de aprendizado, os alunos poderão ter um desempenho melhor, dada a atmosfera mais acolhedora e estimulante. Além disso, a grande vantagem é que independente da matéria, a música poderá atuar no processo de troca de conhecimentos, justamente por conta da diversidade de maneiras e táticas para seu emprego.

Música pode refletir contextos históricos e inserir os alunos dentro da cultura local e regional

A música reflete os valores e costumes de qualquer sociedade. Dessa forma, sua utilização dentro do cenário escolar poderá contribuir e possibilitar ao aluno conhecer as raízes da música brasileira e preservar nosso patrimônio. Maximizando, por consequência, seu entendimento cultural.



Ademais, como é retrato de nossa sociedade, poderá contribuir em disciplinas tais como história e literatura, através da análise de canções cujo tema seja reflexo do período histórico estudado.

Música pode ajudar a integração e interação entre alunos

Seja pela criação de grupos específicos como corais, orquestras ou mesmo pela utilização cotidiana em sala de aula, se tratando de algo em comum interesse entre os alunos, a música poderá estimular a cooperação e proatividade entre eles, reforçando o sentimento grupal e auxiliando a interação mesmo entre aqueles mais tímidos.

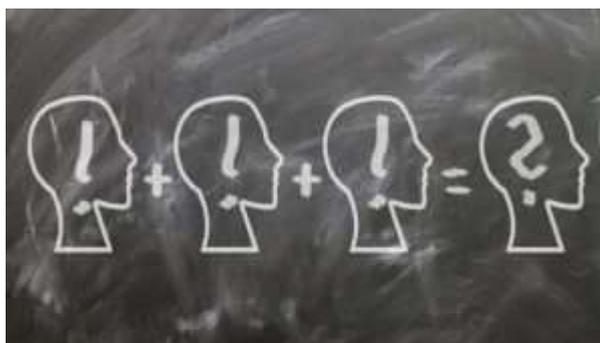


No caso do seu ensino como disciplina ou através do desenvolvimento de projetos, ela poderá introduzir o sentido de parceria, pela necessidade de harmonização de vozes e instrumentos, o que contribui, ainda, no desenvolvimento de conceitos como sincronia e estilos.

Pesquisas apontam que música melhora a leitura e a compreensão de textos e também o desempenho em matemática

Diversos estudos já comprovaram a correlação da música no tocante à aptidão escolar. Pesquisas realizadas por estudiosos alemães concluíram, por exemplo, que pessoas que analisam tons musicais possuem determinada área do cérebro 25% maior em comparação àquelas que não desenvolvem qualquer trabalho com música.

Além disso, outro estudo conduzido pela parceria entre o Instituto ABCD – que ajuda na identificação e tratamento de distúrbios de aprendizagem – e a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) entre grupos de estudantes com e sem contato musical também apresentou resultados positivos.



Na pesquisa, realizada pela análise entre um grupo de alunos que possuía contato semanal com música, recebendo aulas três vezes por semana durante cinco meses, e outro que servia apenas como base de controle não recebendo qualquer tipo de atenção especial, foram percebidos aumentos de nota significativos em português e matemática nos estudantes que recebiam as aulas, em relação aos que não possuíam esse contato.

Sons e melodias atuaram, portanto, como auxiliares nas capacidades de leitura, concentração e memorização.

Música estimula novas habilidades e formas de expressão

Diversas aptidões conseguem ser aprimoradas pelo uso da música. Enquanto o uso de sons estimulará habilidades auditivas, e os gestos e danças derivados poderão influenciar no desenvolvimento motor, a prática do canto será determinante para o aprimoramento das capacidades de respiração e concentração.

Como já mencionado anteriormente, no campo cognitivo, os benefícios também são múltiplos, já que o estímulo a criatividade promoverá o impulsionamento de novas formas de expressão, atuando por consequência na melhoria da autoestima dos alunos.



Para implementação da música nos colégios, educadores e professores devem estar atentos as características e particularidades da realidade local. A diversidade musical e cultural do Brasil precisa ser respeitada. Táticas diferentes para contextos diferentes. Favorecendo, portanto, um modelo de pluralidade que tanto englobe aspectos e contextos abrangentes, quanto nuances regionais.

Além disso, seria interessante a realização não apenas de projetos e/ou oficinas esporádicas, mas o ensino perene e busca pela integração com as demais matérias.

- 🎵 Na hipótese da decisão do ensino de música como disciplina, os gestores educacionais devem estar atentos a professores que integrem domínio musical com didática adequada, gerando uma aplicabilidade de conhecimentos de fato efetiva.
- 🎵 Num quadro geral, a educação musical promoverá ao colégio, ainda, melhorias significativas na sua cultura escolar, com a integração e aperfeiçoamento do desempenho dos alunos e otimização do ensino como um todo.
- 🎵 Tais benefícios servirão de indicadores de qualidade e poderão ser determinantes no grau de credibilidade percebido dentro da região em que o colégio atua, atraindo cada vez mais pais e alunos.

- 🎵 A educação musical necessita ponderar que o ensino e a aprendizagem de música não ocorrem apenas na sala de aula, mas em contexto mais amplo.
- 🎵 Por isso, o educador não deve discutir a música na escola, mas refletir sobre em que a educação musical pode ajudar no cotidiano dos alunos.
- 🎵 Enfim, comprova-se tanto pelo referencial teórico como pela prática que a música deve estar presente na escola pelos seus grandes benefícios, para que as crianças se desenvolvam plenamente para a escola e para a vida.

Sugestões de atividades

CORAL: que pode ser preparado para apresentações na escola em diversas datas do ano, como: dia das mães, dos pais, páscoa, folclore, professores etc.



BANDINHA RÍTMICA: que também pode ter o intuito de apresentações, mas acima de tudo tem a finalidade da compreensão de um trabalho em grupo, fazendo com que a criança saiba se colocar no seu lugar, obedecendo o espaço do outro. Além do aprimoramento rítmico, da concentração, atenção e da musicalidade.

JOGOS MUSICAIS: propiciam um maior engajamento dos alunos com a música, e faz com que os colegas se interajam mais uns com os outros, pois o lúdico está mais presente, diferente do Coral e da Bandinha Rítmica que são mais técnicos.



OS SONS DO NOSSO CORPO: a atividade propõe que as crianças repitam sons e músicas por meio de palmas. Para os mais velhos, o desafio pode aumentar, ao serem instigados a repetir a música utilizando também as batidas das mãos nas pernas ou as batidas de pés. Além da percepção e ritmo, esse exercício também desenvolve a coordenação motora dos alunos.



POR TRÁS DA MELODIA: o desafio desse exercício é instigar o conhecimento e o gosto das crianças pela história da música, sem que as aulas teóricas sejam maçantes. A proposta é escolher um músico e explorar curiosidades relacionadas, como a origem do artista, a tradução de seu nome (se ele for estrangeiro), seu local de nascimento e sua história de vida (focando em como ele se tornou músico). Em seguida, o professor apresenta algumas das suas composições mais famosa. Ao usar a música como ferramenta ludopedagógica, também vale a estratégia de o tutor entrar na brincadeira e se fantasiar do personagem que está sendo estudado.

SHOW DE PARÓDIAS: Fazer paródias de músicas conhecidas é uma brincadeira popular e atemporal. Ela pode ser levada para a sala de aula, com orientação do professor, para facilitar o aprendizado de forma lúdica. Entre crianças que estão habituadas a ouvir rap, ritmo popular nos bairros periféricos, criar músicas de improviso pode ser parte de seus momentos de lazer. Para promover essa atividade, a turma é dividida em grupos e cada um escolhe uma música para fazer a paródia. Então, os alunos são desafiados a criar uma nova letra dentro da melodia, a partir de conteúdos trabalhados na sala de aula. Esse exercício pode ser aplicado em diversas disciplinas, como matemática, história, ciências. A repetição da canção contribui de maneira significativa para a memorização dos conteúdos estudados.



PEQUENOS ARTESÃOS: a ideia da brincadeira é que cada um dos alunos construa seu próprio instrumento musical, utilizando materiais recicláveis. Essa atividade leva à conscientização ambiental das crianças, traz o desafio de buscar os sons dos objetos e faz com que os alunos desenvolvam a imaginação. A música, como ferramenta ludopedagógica, contribui para uma excelente formação dos estudantes, que incentiva a construção de habilidades como socialização, criatividade, além da descoberta de potencialidades artísticas.



Ao longo dos anos, os antigos encontraram uma boa receita para a educação: ginástica para o corpo e música para a alma.

(Platão)



"A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. Ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria."

(Paulo Freire)

Felicidades!